



## Produtores do Nordeste temem medida de Bolsonaro que amplia importação de etanol sem tarifa

05/09/2019 - A decisão do governo brasileiro de aumentar o volume de **etanol** que pode ser importado pelo país com isenção de tarifa divide representantes do **sucroalcooleiro** nacional.

De um lado, a medida foi comemorada por produtores do Centro-Sul e, de outro, irritou os do Norte e do Nordeste, que se mantêm apreensivos com suas consequências.

Mas por quê?

No sábado (31), o Ministério da Economia decidiu não só prorrogar por mais um ano a importação de **etanol** isenta da alíquota de 20%, como elevou a cota dos 600 milhões de litros para 750 milhões de litros - a taxa passa a ser cobrada quando o volume negociado supera a cota.

Naquele dia, expirava o prazo de dois anos da tarifa aplicada pelo Brasil sobre o biocombustível adquirido no exterior para um volume acima de uma cota trimestral de 150 milhões de litros.

A nova cota foi discutida pela pasta, em conjunto com os Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e das Relações Exteriores.

Havia também a possibilidade de o governo brasileiro zerar as tarifas para todo o **etanol** importado, o que preocupava a indústria e não aconteceu.

### Favorável aos EUA

A medida atendeu principalmente aos interesses dos americanos, os maiores exportadores ao Brasil de **etanol**, produzido a partir do milho - segundo dados oficiais, 99,7% do **etanol** importado pelo Brasil vem dos EUA.

Desde 2016, o Brasil é o país que mais compra **etanol** americano.

A expectativa dos produtores brasileiros era de que o governo americano liberasse seu mercado de **açúcar**, um dos mais protegidos do mundo, mas não houve essa contrapartida por enquanto.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, chegou a comemorar no Twitter a facilitação da entrada do produto americano no mercado brasileiro. Depois, apagou o tuíte.

Em nota, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), que representa as usinas do centro-sul do Brasil, disse que a medida foi uma "grande vitória".

"Embora fosse importante para o Brasil realizar um gesto em favor da abertura comercial com os EUA, com quem buscamos um amplo acordo de livre comércio, isso não poderia ser feito sem uma contrapartida para o **açúcar** brasileiro", afirmou.

Segundo a entidade, o governo brasileiro "foi capaz de conciliar a liberdade econômica e a garantia da competitividade brasileira na produção sucroenergética".

### Insatisfeitos

Mas os produtores do Nordeste brasileiro não reagiram da mesma forma.

"Foi uma decisão muito descoordenada. Não houve reciprocidade dos americanos. Ou seja, foi uma promessa no campo virtual, e não no real. Não acho que os americanos vão ceder", diz à BBC News Brasil Renato

Cunha, presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado de Pernambuco (Sindaçúcar-PE).

"O governo brasileiro deveria regular para onde este **etanol** (importado dos Estados Unidos) vai ser destinado. Não dá para vendê-lo no Nordeste. Isso teria efeitos desastrosos na nossa indústria", acrescenta.

O misto de irritação e apreensão se deve ao fato de que a maior parte do **etanol** americano se destina ao Nordeste brasileiro, por uma combinação de questões econômicas (preços mais competitivos) e logísticas (proximidade geográfica). Ali, a produção é bem menor que no Centro-Sul, principal polo **canavieiro** mundial.

Cunha argumenta, no entanto, que a região responde por "35% da força de trabalho na indústria sucroalcooleira".

Para se ter uma ideia, na safra 2018/2019, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil produziu um recorde de 33,1 bilhões de litros de **etanol**. Desse total, 31 bilhões de litros (93%) foram produzidos no Centro-Sul.

Além disso, o Nordeste também sofreu com a queda no preço internacional do **açúcar**, por conta dos subsídios da Índia, que desbancou o Brasil como o maior produtor mundial.

Isso levou as usinas brasileiras a alocarem maior parcela de **cana-de-açúcar** para a produção do combustível - 65% dessa matéria-prima foi destinada à fabricação de **etanol** e na próxima safra não deve ser diferente.

Ainda de acordo com dados da Conab, a produção de **açúcar** no Brasil na safra passada registrou o menor nível em mais de 10 anos, com 29 milhões de toneladas, sendo 26,5 milhões no Centro-Sul. Em 2017/18, o país havia produzido quase 38 milhões de toneladas.

"Ou seja, essa nova cota (de 750 milhões) responde por mais de 30% da produção de **etanol** do Nordeste", lembra Cunha.

Segundo disse ele à BBC News Brasil, após reunião em Brasília na manhã de hoje com a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, o governo se comprometeu a "estudar formas de regular o suprimento do **etanol** importado".

"Nosso pleito é que este **etanol** chegue durante a entressafra do Nordeste (de março a setembro) e que seu destino seja determinado de acordo com a produção de cada região. Se produzimos bem menos do que o Centro-Sul, por que vamos receber proporcionalmente mais? Não é justo", argumenta Cunha.

Para Marcos Jank, professor sênior de agronegócio global do Insper e ex-presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), é preciso reduzir o protecionismo.

"Continuo dizendo que não faz sentido propor biocombustíveis como alternativa ao petróleo se as tarifas praticadas continuarem altas. Por isso, vejo com bons olhos a redução do protecionismo ao **etanol**", diz ele à BBC News Brasil.

## Novos mercados para etanol

O **etanol** de milho - parte majoritária da produção americana - e o da **cana-de-açúcar** têm o mesmo potencial energético, mas diferem na intensidade de carbono - a produção do **etanol** a partir do milho é mais "suja".

"Basicamente, a **cana** tem o bagaço. Ou seja, quando se fabrica o **etanol**, se usa a própria **energia** dessa matéria-prima. Já o milho requer uma fonte energética adicional. Sendo assim, o **etanol** da **cana** gera uma economia maior de gases de efeito estufa, causadores do aquecimento global. É mais limpo", disse Plínio Nastari, presidente e CEO da Datagro Consultoria, em entrevista recente à BBC News Brasil.

Além disso, a produtividade do **etanol** de **cana-de-açúcar** é maior do que o milho. "A cada hectare plantado, geramos 4 mil litros de **etanol** a partir do milho e de 6 mil a 7 mil a partir da **cana**."

Além de cobrar maior reciprocidade dos Estados Unidos, produtores estão de olho em novos mercados.

A indústria nacional vem se empolgando com a possibilidade de que China, Índia e Filipinas passem a adotar a chamada E10, a gasolina com 10% de **álcool**. Já a Tailândia, outro consumidor em potencial, poderia acrescentar uma fatia 20% de **álcool** à gasolina.

Caso esses quatro países realmente adotem as fórmulas E10 e E20, haveria uma demanda adicional de 19,4 bilhões de litros de **etanol** por ano, o equivalente a mais da metade da produção brasileira.

Os produtores brasileiros também estão esperançosos com o RenovaBio, como é chamada a Política Nacional de Biocombustíveis, que passará a vigorar a partir de janeiro de 2020.

O objetivo é reduzir as emissões de CO2 em 11% até 2029 em comparação com 2018. Para isso, será preciso estimular aumento da produção e do consumo de combustíveis renováveis.

Na prática, a produção nacional deve crescer para 48 bilhões de litros (contra os atuais 33 bilhões), exigindo um investimento de R\$ 60 bilhões a R\$ 70 bilhões na próxima década.

*Luis Barrucho*

*Fonte: BBC*

*Texto extraído do boletim SCA*

Notícias de outros veículos são oferecidas como mera prestação de serviço e não refletem necessariamente a visão da UDOP.

 **Imprimir**